

"O que nasceu na árvore do martírio": coisas ditas pela literatura latino-americana dos anos 2000

Sob o título *Testamento II*, o grande Neruda escrevia no final de sua obra *Canto Geral*:

"Deixo meus velhos livros, recolhidos pelos rincões do mundo, venerados em sua tipografia majestosa, aos novos poetas da América, aos que um dia fiarão no rouco tear interrompido as significações do amanhã. Eles terão nascido quando o agreste punho de lenhadores mortos e mineiros haja dado uma vida inumerável para limpar a catedral torcida, o grão desengonçado, o filamento que enredou as nossas ávidas planícies. Toquem eles o inferno, este passado que esmagou os diamantes, e defendam os mundos cereais de seu canto, o que nasceu na árvore do martírio".

O que conta hoje a Nuestra América em sua literatura? Foi com este espírito que nos debruçamos sobre algumas obras latino americanas lançadas nesta década. Tivemos como critério unicamente a data de edição, sem grandes preocupações com as escolas e as filiações, com o objetivo de compreender um pouco do "ar que se respira" na Argentina, Brasil, Chile, Colômbia, Paraguai, Peru e Uruguai segundo a percepção de alguns expoentes literários. O saldo deste mergulho, publicado em nosso dossiê, é o de um continente na corda bamba entre a tradição e a modernidade, se é que possamos chamar de tradição os referenciais de anos 20 e 30 do século passado. O mercado comprime, a violência explode, a força midiática seduz e cria novas exigências sobre os velhos e irresolutos desafios latino americanos. O capitalismo tardio que nos atravessa não poupa ninguém sugere esta literatura, dando pistas dos frutos que andam nascendo da árvore do martírio.

Para além do dossiê, recebemos colaborações de várias partes do Brasil, indicando um grande interesse pelos estudos que pensam a sociedade a partir da arte e da cultura. Neste número, temos artigos sobre **cinema** (brasileiro, dinamarquês e alemão); sobre a **literatura** (brasileira, portuguesa, alemã) em diálogo com a construção da sociedade burguesa, com o Direito, com a Psiquiatria; sobre **pintura, grafite, artes gráficas e música**, e um debate sobre o **formalismo e realismo**. Abrimos uma nova seção para a publicação de **resenhas**, inaugurando-a com um comentário sobre a obra de Stuart Hall.

Este número é inteiramente dedicado ao mestre **Giorgio Baratta**, filósofo, estudioso de Gramsci e grande animador do diálogo entre artes dos diferentes povos e continentes, que nos deixou em janeiro de 2010. Propondo sempre o legado de Leonardo Da Vinci em relação ao aprendizado através das artes, é com as palavras de Giorgio que convidamos o leitor para esta edição:

"Aprendamos com Leonardo um modo construtivo e ambicioso de buscar a unificação comparativa (não fagocitante) entre as línguas e as linguagens, assim como - e com maior empenho -, entre os povos e as culturas".

(*Leonardo tra noi*, Roma: Carocci, 2007)

Célia Tolentino
Dezembro de 2010